

O DESAFIO DE ROMA

Por que os protestantes guardam o domingo?

A maioria dos cristãos assume que o domingo é o dia de adoração aprovado pela Bíblia. A Igreja Católica Romana protesta que transferiu o culto cristão do dia de descanso bíblico (sábado) para o domingo, e que tentar argumentar que a mudança foi feita na Bíblia é desonesto e uma negação da autoridade católica. Se o protestantismo deseja basear seus ensinamentos apenas na Bíblia, ele deve adorar no sábado.

Alguns anos atrás, o “Catholic Mirror” (Espelho católico) publicou uma série de artigos discutindo o direito das igrejas protestantes de adorarem aos domingos. Os artigos enfatizavam que, a menos que alguém estivesse disposto a aceitar a autoridade da Igreja Católica para designar o dia do culto, o cristão deveria observar o sábado. Esta é uma reimpressão desses artigos.

24 de fevereiro de 1893, a Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia adotou certas resoluções apelando ao governo e ao povo dos Estados Unidos da decisão da Suprema Corte declarando ser esta uma nação cristã, e da ação do Congresso em legislar sobre o sujeito da religião, e o protesto contra o princípio e todas as consequências do mesmo. Em março de 1893, a “International Religious Liberty Association” (Associação Internacional de Liberdade Religiosa) publicou essas resoluções em um tratado intitulado “Appeal and Remonstrance” (Apelo e Protesto). Ao receber um desses, o editor do “Catholic Mirror” de Baltimore, Maryland, publicou uma série de quatro artigos que apareceram naquele jornal em 2, 9, 16 e 23 de setembro de 1893. O “Catholic Mirror” era o órgão oficial do Cardeal Gibbons e o papado nos Estados Unidos. Esses artigos, portanto, embora não escritos pelas próprias mãos do Cardeal, apareceram sob sua sanção oficial, e como a expressão do Papado sobre este assunto, são o desafio aberto do Papado ao Protestantismo, e a exigência do Papado de que os Protestantes devem prestar ao papado um relato de porque eles guardam o domingo e também de como o fazem.

O seguinte assunto (exceto as notas de rodapé, a nota do editor entre colchetes começando na página 25 e terminando na página 27, e os dois Apêndices) é uma reimpressão literal desses artigos, incluindo o título na página 2.

O SABBATH (DIA DE DESCANSO) CRISTÃO

A Geração Genuína da União do Espírito Santo

e a Igreja Católica, sua esposa.

As reivindicações do protestantismo a qualquer parte dele provaram ser infundadas,

Autocontraditório e suicida.

(Extraído do “Catholic Mirror” 2 de setembro de 1893.)

Nossa atenção foi chamada para o assunto acima na semana passada, com o recebimento de uma brochura de vinte e uma páginas publicada pela Associação Internacional de Liberdade Religiosa intitulada “Apelo e Protesto”. Incorporando resoluções adotadas pela Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia (24 de fevereiro de 1893). As resoluções criticam e censuram, com muita amargura, a ação do Congresso dos Estados Unidos, e da Suprema Corte, por invadir os direitos das pessoas ao fechar a Feira Mundial no domingo.

Os Adventistas são o único corpo de cristãos com a Bíblia como guia, que não encontram nenhuma justificativa em suas páginas para a mudança do dia do sétimo para o primeiro. Daí sua denominação, “Adventistas do Sétimo Dia”. Seu princípio fundamental consiste em separar o sábado para a adoração exclusiva de Deus, em conformidade com o mandamento positivo do próprio Deus, repetidamente reiterado nos livros sagrados do Antigo e Novo Testamento, literalmente obedecido pelos filhos de Israel por milhares de anos até hoje e endossado pelo ensino e prática do Filho de Deus enquanto Ele estava na terra.

Pelo contrário, os protestantes do mundo, exceto os adventistas, com a mesma Bíblia como seu querido e único guia infalível, desde seu aparecimento no século dezesseis, com a prática consagrada pelo tempo do povo judeu diante de seus olhos, rejeitou o dia nomeado para cultuarem a Deus e assumiram, em aparente contradição ao Seu mandamento, um dia para o culto nunca antes referido para esse propósito nas páginas daquele Volume Sagrado.

Qual púlpito protestante não ressoa quase todos os domingos com injúrias ruidosas e apaixonadas contra a violação do Sábado? Quem pode esquecer o clamor fanático dos ministros protestantes em toda a extensão do país contra a abertura dos portões da Feira Mundial no domingo? As milhares de petições, assinadas por milhões, para salvar o Dia do Senhor da profanação? Certamente, tal excitação geral e generalizada e protestos barulhentos não poderiam ter existido sem os motivos mais fortes para tais protestos.

E quando foram atribuídos quartéis na Feira Mundial às várias seitas do protestantismo para a exibição de artigos, quem pode esquecer a expressão enfática de indignação virtuosa e conscienciosa exibida por nossos irmãos Presbiterianos, assim que souberam da decisão do Supremo Tribunal Federal não interferir na abertura do domingo? Os jornais nos informaram que se recusaram terminantemente a utilizar o espaço que lhes foi concedido, ou abrir suas caixas, exigindo o direito de retirar os artigos, em rígida adesão aos seus princípios, e assim declinar todo contato com a exibição sacrílega e violadora do Sábado.

Sem dúvida, nossos irmãos Calvinistas mereciam e compartilhavam a simpatia de todas as outras seitas, que, no entanto, perderam a oportunidade de posar como mártires em defesa da observância do Sábado.

Assim, eles se tornaram "um espetáculo para o mundo, para os anjos e para os homens", embora seus irmãos protestantes, que não conseguiram compartilhar o

monopólio, estavam invejosamente dispostos a atribuir sua adesão inabalável aos princípios religiosos, ao orgulho farisaico e à persistente obstinação.

Nosso propósito ao lançar este artigo é derramar luz sobre esta questão tão importante (pois se a questão do Sábado fosse removida do púlpito protestante, as seitas se sentiriam perdidas e os pregadores seriam privados de seu "queijo Cheshire".) e para que nossos leitores possam compreender a questão em todos os seus aspectos e, assim, chegar a uma convicção clara.

O mundo cristão está, moralmente falando, unido na questão e na prática de adorar a Deus no primeiro dia da semana.

Os Israelitas, espalhados por toda a terra, mantêm o último dia da semana sagrado para a adoração da Deidade. Neste particular, os Adventistas do Sétimo Dia (uma seita de cristãos numericamente poucos) também escolheram o mesmo dia.

Tanto Israelitas quanto Adventistas apelam à Bíblia para o mandamento divino, persistentemente obrigando a estrita observância do Sábado.

O Israelita respeita a autoridade do Antigo Testamento apenas, mas o Adventista, que é cristão, aceita o Novo Testamento nas mesmas bases do Antigo: quer dizer, um registro inspirado também. Ele descobre que a Bíblia, seu guia, é consistente em ambas partes, que o Redentor, durante sua vida mortal, nunca guardou outro dia senão o sábado. Os evangelhos evidenciam claramente esse fato; enquanto, nas páginas dos Atos dos Apóstolos, das Epístolas e do Apocalipse, não se encontra o vestígio de um ato cancelando o arranjo do sábado.

Os Adventistas, portanto, em comum com os Israelitas, derivam sua crença do Antigo Testamento, qual posição é confirmada pelo Novo Testamento, endossando plenamente pela vida e prática do Redentor e de seus apóstolos o ensino da Palavra Sagrada por quase um século da era cristã.

Considerados numericamente, os adventistas do sétimo dia constituem uma porção insignificante da população protestante da terra, mas, como a questão não é de números, mas de verdade, fato e direito, um senso estrito de justiça proíbe a condenação desta pequena seita sem uma investigação calma e imparcial: isso não é da nossa conta.

O mundo protestante tem estado, desde sua infância, no século dezesseis, em total acordo com a Igreja Católica, em manter "santo", não o sábado, mas o domingo. A discussão dos fundamentos que levaram a essa unanimidade de sentimento e prática por mais de 300 anos deve ajudar a colocar o protestantismo em uma base sólida neste particular, caso os argumentos a favor de sua posição superem aqueles fornecidos pelos israelitas e adventistas, a Bíblia, a única professora reconhecida de ambos litigantes, sendo juíza e testemunha. Se, porém, por outro lado, estes últimos fornecem argumentos, incontestáveis pela grande massa de protestantes, ambas classes de litigantes, apelando para seu guia comum, a Bíblia, o grande corpo de

protestantes, longe de clamar, como fazem com vigorosa perseverança pela estrita guarda do domingo, não resta outro recurso senão a admissão de que têm ensinado e praticado o que é bíblicamente falso por mais de três séculos, adotando o ensino e a prática daquilo que sempre fingiram acreditar numa igreja apóstata, ao contrário de toda garantia e ensino da Sagrada Escritura. Para aumentar a intensidade desse erro bíblico imperdoável, ele envolve um dos mandamentos mais positivos e enfáticos de Deus ao Seu servo, o homem: "Lembra-te do dia de Sábado, para o santificar."

Nenhum protestante vivo hoje obedeceu a essa ordem, preferindo seguir a igreja apóstata referida que seu guia, a Bíblia, que de Gênesis a Apocalipse não ensina nenhuma outra doutrina, devem os Israelitas e os Adventistas do sétimo dia estar certos. Ambos lados apelam para a Bíblia como seu guia "infalível". Deixe a Bíblia decidir se sábado ou domingo é o dia ordenado por Deus. Um dos dois lados deve estar errado e, enquanto uma falsa posição sobre esta questão tão importante envolve terríveis penalidades, ameaçadas pelo próprio Deus, contra o transgressor desta "aliança perpétua", devemos discutir os méritos dos argumentos de ambos lados. A discussão deste assunto primordial não está acima da capacidade das mentes comuns, nem envolve um estudo extraordinário. Isto se resolve em algumas questões simples de fácil solução:

1ª Que dia da semana a Bíblia ordena que seja santificado?

2ª O Novo Testamento modifica por preceito ou prática o mandamento original?

3ª Os protestantes, desde o século XVI, obedeceram ao comando de Deus, mantendo "sagrado" o dia ordenado por seu guia e professora infalível, a Bíblia? E se não, por que não?

Para as três perguntas acima, comprometemo-nos a fornecer tantas respostas inteligentes, que não podem deixar de vindicar a verdade e sustentar a deformidade do erro.

(Do "Catholic Mirror" de 9 de setembro de 1893)

"Mas a fé, a fé fanática, uma vez que se casou rapidamente com alguma querida falsidade, abraça-a até o fim" Moore

Em conformidade com nossa promessa em nossa última questão, prosseguimos para desmascarar um dos erros mais evidentes e as inconsistências mais imperdoáveis da regra de fé bíblica. Para que, no entanto, não sejamos mal compreendidos, julgamos necessário pressupor que o protestantismo não reconhece nenhuma regra de fé, nenhum guia, exceto a "Bíblia infalível". Assim como o católico cede seu julgamento em questões espirituais implicitamente, e com confiança sem reservas, à voz de sua igreja, assim, também, o protestante não reconhece nenhum guia a não ser a Bíblia. Toda a sua espiritualidade deriva de seus ensinamentos. Ela é para o protestante a voz de Deus se dirigindo a ele por meio de seu único guia inspirado. A Bíblia incorpora sua religião, sua fé e sua prática. A fala de Chillingworth, "A Bíblia, toda a Bíblia, e nada

além da Bíblia, é a religião dos protestantes", é apenas uma forma da mesma ideia convertida em variadas outras formas, como "o livro de Deus" " a Carta de Nossa Salvação ", " o Oráculo de Nossa Fé Cristã ", " Livro de Texto de Deus para a raça da Humanidade ", etc. É, então, um fato incontestável que somente a Bíblia é guia do cristianismo protestante. Assumindo esse fato, passaremos agora a discutir os méritos da questão envolvida em nossa última questão.

Reconhecendo o que é inegável, o fato de uma contradição direta entre o ensino e a prática do cristianismo protestante - com exceção dos adventistas do sétimo dia - de um lado, e do povo judeu, do outro, ambos observando dias diferentes da semana para a adoração de Deus, prosseguiremos para obter o testemunho da única testemunha disponível no local: quer dizer, o testemunho do guia comum para ambos requerentes, a Bíblia. A primeira expressão com a qual entramos em contato na Palavra Sagrada se encontra em Gênesis 2: 2: "E no sétimo dia [Deus] descansou de toda a sua obra que havia feito". A próxima referência a este assunto encontra-se em Êxodo 20, onde Deus ordenou que o sétimo dia fosse guardado, porque Ele mesmo tinha descansado da obra da criação naquele dia: e o texto sagrado nos informa que por essa razão Ele desejou que se mantivesse, nas seguintes palavras: "Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e santificou-o." Novamente, lemos no capítulo 31, versículo 15: "Seis dias farás trabalho: no sétimo dia é o Sábado, o descanso é santo ao Senhor:" versículo dezesseis: "É uma aliança perpétua", "e um sinal perpétuo", " porque em seis dias o Senhor fez o céu e a terra, e no sétimo Ele cessou o trabalho. "

No Antigo Testamento, a referência é feita cento e vinte e seis vezes ao Sábado, e todos esses textos conspiram harmoniosamente em expressar a vontade de Deus ordenando que o sétimo dia seja guardado, porque o próprio Deus o guardou primeiro, tornando-o obrigatório em tudo como "uma aliança perpétua". Nem podemos imaginar alguém temerário o suficiente para questionar a identidade do dia de sábado, o dia de descanso ou o sétimo dia, visto que o povo de Israel tem guardado o sábado da promulgação da lei, AM. 2514 a 1893 DC, um período de 3.383 anos. Com o exemplo dos israelitas diante de nossos olhos hoje, não há fato histórico mais bem estabelecido do que aquele referido: quer dizer, que o povo escolhido de Deus, os guardiões do Antigo Testamento, os representantes vivos da única religião divina até agora, tinham por um período de 1.490 anos antes do Cristianismo, preservado pela prática semanal a tradição viva da interpretação correta do dia especial da semana, o sábado, a ser mantido "santo ao Senhor", tradição que eles estenderam por sua prática por um período adicional de 1.893 anos mais, cobrindo assim toda a extensão da dispensação cristã. Julgamos necessário ser perfeitamente claro neste ponto, por razões que aparecerão de forma mais completa a seguir. A Bíblia - Antigo Testamento - confirmada pela tradição viva de uma prática semanal durante 3.383 anos pelo povo escolhido de Deus, ensina então, com absoluta certeza, que Deus mesmo havia nomeado o dia para ser "santificado para Ele", - esse dia era sábado, e qualquer violação dessa ordem era punível com a morte. "Guardai o meu Sábado, porque é santo para vós; o que o profanar será morto; o que nele fizer alguma obra, a sua alma perecerá no meio do seu povo." Ex. 31:14.

É impossível realizar uma penalidade mais severa do que aquela tão solenemente pronunciada pelo próprio Deus no texto acima, sobre todos os que violam uma ordem referida pelo menos cento e vinte e seis vezes na antiga lei. Os dez mandamentos do Antigo Testamento são impressos formalmente na memória do filho do cristão bíblico o mais rápido possível, mas nenhum dos dez se tornou mais enfaticamente familiar, tanto na escola dominical quanto no púlpito, do que guardar "santo" o Sábado.

Tendo assegurado com absoluta certeza a vontade de Deus quanto ao dia a ser santificado, desde a sua palavra sagrada, porque ele descansou naquele dia, qual dia nos é confirmado pela prática do seu povo eleito durante milhares de anos, somos naturalmente induzidos a indagar quando e onde Deus mudou o dia para sua adoração; pois é evidente para o mundo que uma mudança de dia ocorreu, e visto que nenhuma indicação de tal mudança pode ser encontrada nas páginas do Antigo Testamento, nem na prática do povo judeu que continua por quase dezenove séculos de obedecendo a ordem escrita, devemos olhar para o expoente da dispensação cristã: quer dizer, O Novo Testamento, para a ordem de Deus cancelando o antigo dia de descanso, sábado.

Agora nos aproximamos de um período que cobre pouco menos de dezenove séculos, e continuamos a investigar se o guia divino suplementar - o Novo Testamento - contém um decreto cancelando o mandato da antiga lei e, ao mesmo tempo, substituindo um dia para o dia de descanso divinamente instituído da velha lei, quer dizer, Sábado; pois, visto que o sábado era o dia guardado e ordenado por Deus. Somente a autoridade divina, sob a forma de um decreto de cancelamento, poderia abolir a aliança do sábado, ou outro mandamento divino, designando pelo nome outro dia para ser mantido "santo", diferente do sábado, seria igualmente necessário para satisfazer a consciência do crente cristão. A Bíblia sendo a única guia reconhecida pelo cristão bíblico, o Antigo Testamento falhando em apontar uma mudança de dia e ainda outro dia além do sábado sendo mantido "santo" pelo mundo bíblico, é certamente incumbência do cristão reformado apontar nas páginas do Novo Testamento, o novo decreto divino revogando o sábado e o substituindo pelo domingo, mantido pelos bíblicos desde o alvorecer da Reforma.

Examinando o Novo Testamento de capa a capa, criticamente, encontramos o Sábado referido sessenta e uma vezes. Descobrimos, também, que o Salvador invariavelmente selecionava o dia Sábado para ensinar nas sinagogas e fazer milagres. Os quatro Evangelhos referem-se ao dia Sábado cinquenta e uma vezes.

Em um exemplo, o Redentor se refere a si mesmo como "o Senhor do Sábado", como mencionado por Mateus e Lucas, mas durante todo o registro de sua vida, embora invariavelmente guardando e utilizando o dia (sábado). Ele nunca deu a entender o desejo de mudá-lo. Seus apóstolos e amigos pessoais nos dão um exemplo notável de sua observância escrupulosa depois de sua morte, e, enquanto seu corpo ainda estava no túmulo, Lucas (23:56) nos informa: "E eles voltaram e prepararam especiarias e unguentos e descansaram no dia de Sábado de acordo com o mandamento. " "Mas no primeiro dia da semana, muito cedo pela manhã, eles vieram, trazendo as especiarias que haviam preparado na noite da Sexta-Feira Santa, porque o Sábado se aproximava."

Versículo 54. Esta ação por parte dos amigos pessoais do Salvador, prova além da contradição que depois de sua morte eles santificaram o sábado e consideraram o domingo como qualquer outro dia da semana. Pode algo, portanto, ser mais conclusivo do que o fato de que os apóstolos e as mulheres santas nunca conheceram nenhum dia de descanso, exceto o sábado, até o dia da morte de Cristo?

Abordamos agora a investigação desta interessante questão para os próximos trinta anos, conforme narrada pelo evangelista São Lucas em Atos dos Apóstolos. Certamente, algum vestígio do ato de cancelamento pode ser descoberto na prática dos apóstolos durante aquele período prolongado.

Mas, infelizmente, estamos mais uma vez condenados ao desapontamento. Nove vezes encontramos o dia de descanso referido nos Atos, mas é o sábado (o antigo dia de descanso). Caso nossos leitores desejem a prova, nós os referimos ao capítulo e versículo em cada caso. Atos 13:14, 27, 42, 44. Mais uma vez, Atos 15: 21; novamente, Atos 16: 13; 17: 2; 18: 4. "E ele (Paulo) arrazoava na sinagoga todos os sábados, e convencia judeus e gregos." Assim, o dia Sábado de Gênesis ao Apocalipse!!! Portanto, é impossível encontrar no Novo Testamento a menor interferência do Salvador ou de seus apóstolos com o dia de descanso original, mas, ao contrário, uma completa aceitação no arranjo original; é mais, um endosso total Dele, enquanto viveu: e uma participação ativa e invariável na guarda daquele dia e nenhum outro, pelos apóstolos por trinta anos após Sua morte, como os Atos dos Apóstolos abundantemente testificaram para nós.

Portanto, a conclusão é inevitável: quer dizer, daqueles que seguem a Bíblia como seu guia, os Israelitas e os Adventistas do Sétimo Dia têm o peso exclusivo da evidência ao seu lado, enquanto o protestante bíblico não tem uma palavra em autodefesa para sua substituição do sábado pelo domingo. Mais em breve.

[Extraído do "Catholic Mirror" de 16 de setembro de 1893.]

Quando sua majestade satânica, que foi "um assassino desde o início." "e o pai da mentira", comprometeu-se a abrir os olhos de nossa primeira mãe, Eva, estimulando sua ambição: "Vocês serão como deuses, conhecendo o bem e o mal", sua ação foi apenas o primeiro de muitos esforços convicentes e bem-sucedidos empregados mais tarde, na sedução de milhões de seus filhos. Como Eva, eles aprendem tarde demais. Infelizmente! O valor dos incentivos oferecidos para afastarem seus filhos fracos da fidelidade a Deus. Nem o assunto desta discussão constitui uma exceção às táticas usuais de sua majestade sombria.

Mais de três séculos desde então, ele convincentemente representou para um grande número de cristãos insatisfeitos e ambiciosos a brilhante perspectiva da inauguração bem-sucedida de uma "nova partida", pelo abandono da Igreja instituída pelo Filho de Deus, como seu mestre, e a aceitação de um novo mestre - somente a Bíblia - como seu oráculo recém-formado.

A sagacidade do maligno previu o brilhante sucesso desta manobra. Mas o resultado também não ficou aquém de suas expectativas mais otimistas.

Um espírito ousado e aventureiro era o único necessário para liderar a expedição. Sua majestade satânica logo encontrou no monge apóstata Lutero, que repetidamente testemunha a estreita familiaridade que existia entre seu mestre e ele mesmo, em seu "Table Talk"(Mesa redonda) e outras obras publicadas em 1558, em Wittenberg, sob a inspeção de Melancthon. Suas conversas com Satanás em várias ocasiões, são testemunhadas pelo próprio Lutero - uma testemunha digna de toda credibilidade. O que o arbítrio da serpente tendeu tão eficazmente a conseguir no jardim, o arbítrio de Lutero conseguiu no mundo cristão.

"Dê a eles um piloto para sua frota errante,

Ousado em sua arte e ensinado para enganar:

Cuja mão aventureira desencaminhará seu elmo

Para costas hostis, ou assombrá-los na maré. "

Como o fim proposto a si mesmo pelo maligno em seu ataque à igreja de Cristo foi a destruição do Cristianismo, estamos agora empenhados em peneirar os meios adotados por ele para garantir seu sucesso nisso. Até agora, eles foram considerados enganosos, contraditórios e falaciosos. Vamos agora prosseguir com a investigação mais aprofundada dessa dissimulação.

Tendo provado a demonstração de que o Redentor, em nenhuma instância, durante o período de sua vida, se desviou da fiel observância do dia de descanso (sábado), referida pelos quatro evangelistas cinquenta e uma vezes, embora se tivesse designado "Senhor do Sábado", Ele nunca tendo uma vez, por comando ou prática sugerido um desejo de Sua parte de mudar o dia pela substituição de outro e tendo chamado atenção especial para a conduta dos apóstolos e das mulheres santas, na própria noite de Sua morte, garantindo de antemão especiarias e unguentos para serem usados no embalsamamento de Seu corpo na manhã após o dia de descanso (sábado), como São Lucas nos informa tão claramente (Lucas 24: 1), colocando assim, além da eventualidade, a ação e vontade divinas do filho de Deus durante a vida, guardando o Sábado firmemente; e tendo chamado a atenção para a ação de seus representantes vivos após sua morte, como provado por São Lucas, tendo também colocado perante nossos leitores o fato indiscutível de que os apóstolos nos trinta anos seguintes (Atos) nunca se desviaram da prática de seu divino Mestre neste particular, como São Lucas (Atos 18: 1) nos assegura: "E ele [Paulo] arrazoava nas sinagogas todos os dias de descanso (sábado) e convencia judeus e gregos." Os gentios convertidos eram, como vemos do texto, igualmente instruído com os judeus, para guardar o sábado, tendo se convertido ao cristianismo naquele dia, "os judeus e os gregos" coletivamente.

Tendo também chamado a atenção para os textos dos Atos relativos ao uso exclusivo do Sábado pelos judeus e cristãos por trinta anos após a morte do Salvador como o único dia da semana observado por Cristo e seus apóstolos, qual período esgota o registro inspirado, procedemos agora para complementar nossas provas de que o dia de descanso (sábado) gozava desse privilégio exclusivo, chamando a atenção para todos os casos em que o registro sagrado se refere ao primeiro dia da semana.

A primeira referência ao domingo após a ressurreição de Cristo pode ser encontrada no evangelho de São Lucas, capítulo 24, versículos 33-40 e São João 20:19.

Os próprios textos acima referem-se ao único motivo desta reunião por parte dos apóstolos. Aconteceu no dia da ressurreição (domingo de Páscoa), não com o propósito de inaugurar "a nova partida" do antigo dia de descanso (sábado), mantendo "santo" o novo dia, pois não há uma sugestão dada de oração, exortação, ou a leitura das Escrituras, mas indica a desmoralização total dos apóstolos ao informar a humanidade que eles estavam amontoados naquela sala em Jerusalém "por medo dos judeus", como São João, citado acima, claramente nos informa.

A segunda referência ao domingo pode ser encontrada no Evangelho de São João, capítulo 20, versículos 26 a 29: "E depois de oito dias, os discípulos estavam novamente dentro, e Tomé com eles." O Redentor ressuscitado valeu-se dessa reunião de todos os apóstolos para confundir a incredulidade de Tomé, que estivera ausente da reunião na noite do domingo de Páscoa. Isso teria proporcionado uma oportunidade de ouro para o Redentor mudar o dia na presença de todos os seus apóstolos, mas afirmamos o simples fato de que, nesta ocasião, como no dia da Páscoa, nenhuma palavra é dita de oração, louvor ou leitura das Escrituras.

A terceira instância registrada, onde os apóstolos estavam reunidos no domingo, pode ser encontrada em Atos 2: 1; "Os apóstolos estavam todos de acordo no mesmo lugar." (Festa de Pentecostes - Domingo) Agora, este texto dará aos nossos irmãos cristãos bíblicos um vestígio de esperança de que o domingo substitui, por fim, o Sábado? Pois quando os informamos que os judeus vinham guardando este domingo por 1.500 anos e o têm mantido por dezoito séculos após o estabelecimento do Cristianismo, ao mesmo tempo guardando o dia de descanso semanal, não há consolo ou conforto em esse texto. Pentecostes é o quinquagésimo dia após a Páscoa, que era chamado de Sábado de semanas consistindo de sete vezes sete dias e o dia após a conclusão do sétimo dia de Sábado semanal, era o dia principal de todo o festival, necessariamente o domingo. Qual israelita não teria pena da causa que buscava descobrir a origem da guarda do primeiro dia da semana em sua festa de Pentecostes, que tem sido celebrada por ele anualmente por mais de 3.000 anos? Quem senão os cristãos bíblicos, impelidos contra a parede como pretexto para desculpar sua profanação sacrílega do Sábado, sempre guardada por Cristo e seus apóstolos, teriam recorrido à festa judaica de Pentecostes por seu ato de rebelião contra seu Deus e seu guia, a Bíblia.

Mais uma vez, os apologistas bíblicos da mudança de dia chamam nossa atenção para Atos, capítulo 20, versículos 6 e 7; "E no primeiro dia da semana, quando os discípulos

se reuniram para partir o pão." etc. Ao que tudo indica o texto acima deve fornecer algum consolo aos nossos amigos bíblicos descontentes, mas sendo opositores, não podemos permitir-lhes nem mesmo esta migalha de conforto. Respondemos com o axioma: "Quod probat nimis, probat nihil" - "O que prova demais, nada prova." Vamos chamar a atenção para o mesmo, Atos 2:46; "E eles, continuando diariamente no templo, partindo o pão de casa em casa" etc. Quem não vê à primeira vista que o texto produzido para provar a prerrogativa exclusiva do domingo, se desvanece no ar - *an ignis fatuus*- quando colocado em justaposição com o versículo 46 do mesmo capítulo? O que o cristão bíblico afirma por este texto apenas para o domingo, a mesma autoridade, São Lucas, nos informa que era comum a todos os dias da semana; "e eles, continuando diariamente no templo, e partindo o pão de casa em casa".

Um texto mais se apresenta, aparentemente tendendo a uma substituição de sábado por domingo. É tirado de São Paulo, I Cor. 16: 1,2; "Agora, a respeito da coleta para os santos." "No primeiro dia da semana, cada um de vós confie nele", etc. Partindo do princípio de que o pedido de São Paulo foi estritamente atendido, chamamos a atenção para o que se fez todos os sábados durante a vida do Salvador e continuou por trinta anos depois, como o livro de Atos nos informa.

Os seguidores do Mestre se reuniam "todos os Sábados" para ouvir a palavra de Deus; as escrituras eram lidas "todos os Sábados". "E Paulo, como era sua maneira de arrazoar na sinagoga todos os Sábados, interpondo o nome do Senhor Jesus," etc. Atos 18: 4. Que conclusão mais absurda do que inferir que a leitura das Escrituras, a oração, a exortação e a pregação, que constituíam os deveres rotineiros de todos os sábados, como foi amplamente provado, foram ofuscadas por um pedido de retomar uma coleta em outro dia da semana?

Para apreciar plenamente o valor deste texto agora em consideração, basta recordar a ação dos apóstolos e das mulheres santas na Sexta-feira Santa, antes do pôr-do-sol. Eles compraram as especiarias e os unguentos depois que Ele foi retirado da cruz; eles suspenderam todas as ações até que o Sábado "santo ao Senhor" tivesse passado, e então tomaram medidas na manhã de domingo para completar o processo de embalsamamento do corpo sagrado de Jesus.

Por que, podemos perguntar, eles não concluíram o trabalho de embalsamamento no Sábado? - Porque eles sabiam bem que o embalsamamento do corpo sagrado de seu Mestre interferiria na estrita observância do Sábado, cuja guarda era primordial; e até que possa ser mostrado que o dia de Sábado imediatamente anterior ao domingo de nosso texto não foi guardado (o que seria falso, visto que todo Sábado foi guardado), o pedido de São Paulo para fazer a coleta no domingo permanece para ser classificado com o trabalho de embalsamamento do corpo de Cristo, que não poderia ser efetuado no Sábado, e foi, conseqüentemente, adiado para o próximo dia conveniente: quer dizer, Domingo ou o primeiro dia da semana.

Tendo eliminado todos os textos do Novo Testamento referentes ao dia de descanso (sábado) e ao primeiro dia da semana (domingo); e tendo mostrado conclusivamente a partir desses textos, que, até agora, nenhuma sombra de pretexto pode ser

encontrada no Volume Sagrado para a substituição bíblica do domingo pelo sábado; resta-nos investigar o significado das expressões "Senhor do Dia" e "Dia do Senhor", encontradas no Novo Testamento, o que nos propomos fazer em nosso próximo artigo, e concluir com observações pertinentes sobre as incongruências de um sistema religioso que teremos provado ser indefensáveis, contraditórias e suicidas.

[Do "Catholic Mirror" de 23 de setembro de 1893.]

"Parada com muletas de tamanhos desiguais.

Uma perna apoiada pela verdade, outra por mentiras,

Assim, vá para a meta com um ritmo estranho,

Seguro de nada, exceto perder a corrida. "

No presente artigo, propomos investigar cuidadosamente uma nova (e última) classe de prova assumida para convencer o cristão bíblico de que Deus substituiu o domingo por sábado por seu culto na nova lei, e que a vontade divina deve ser encontrada registrada pelo Espírito Santo nos escritos apostólicos.

Somos informados de que essa mudança radical encontrou expressão, repetidamente, em uma série de textos nos quais a expressão "o Senhor do Dia" ou "o dia do Senhor" pode ser encontrada.

A classe de textos do Novo Testamento, sob o título "Sábado", numerando sessenta e um nos Evangelhos, Atos e Epístolas; e a segunda classe, na qual "o primeiro dia da semana", ou domingo, foi examinado criticamente (a última classe numerando nove [oito]); e tendo sido descoberto não fornecer a menor pista para uma mudança de vontade por parte de Deus quanto ao seu dia de adoração pelo homem, passamos agora a examinar a terceira e última classe de textos nos quais confiamos para salvar o sistema bíblico do acusação de buscar impor ao mundo, em nome de Deus, um decreto para o qual não existe a menor garantia ou autoridade de seu guia, a Bíblia.

O primeiro texto desta classe pode ser encontrado em Atos dos Apóstolos 2:20: "O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e notável dia do Senhor." Quantos domingos se passaram desde que essa profecia foi dita? Tanto esforço para perverter o significado do texto sagrado desde o dia do julgamento até o domingo!

O segundo texto desta classe pode ser encontrado em I Cor. 1: 8; "Quem também vos confirmará até o fim. Para que sejais irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo." Que simplório não vê que o apóstolo aqui indica claramente o dia do julgamento? O próximo texto desta classe que se apresenta deve ser encontrado na mesma Epístola, capítulo 5:5; "Para entregar tal pessoa a Satanás para a destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus." A incestuosa Corinto foi,

é claro, salva no domingo seguinte !! Que lastimável um imprevisto como este! O quarto texto, 2 Cor. 1: 13,14; "E espero que o reconhecereis até o fim, como também sois nossos no dia de nosso Senhor Jesus."

Domingo, ou o dia do julgamento, qual? O quinto texto é de São Paulo aos Filipenses, capítulo 1, versículo 6: "Tendo a certeza de que aquele que começou a boa obra em vocês, a aperfeiçoará até o dia de Jesus Cristo". O bom povo de Filipos, ao atingir a perfeição no domingo seguinte, podia se dar ao luxo de rir de nosso rápido trânsito moderno!

Pedimos licença para apresentar nosso sexto da classe; quer dizer, Filipenses, primeiro capítulo, versículo décimo: "Para que seja sincero sem ofensa até o dia de Cristo." Esse dia seria o próximo domingo, com certeza! Não tanto para esperar afinal. O sétimo texto, 2 Pedro 3:10; "Mas o dia do Senhor virá como um ladrão de noite." A aplicação deste texto ao domingo ultrapassa os limites do absurdo.

O oitavo texto, 2 Pedro 3:12; "Esperando e apressando-se para a vinda do dia do Senhor, no qual os céus, estando em chamas, serão dissolvidos." etc. Este dia do Senhor é o mesmo referido no texto anterior, a aplicação de ambos para o domingo seguinte teria deixado o mundo cristão sem dormir na noite do próximo sábado.

Apresentamos aos nossos leitores oito dos nove textos nos quais confiamos para sustentar por meio do texto das Escrituras o esforço sacrílego de prorrogar o "dia do Senhor" para o domingo, e com que resultado? Cada um fornece evidência primária do último dia, referindo-se a ele direta, absoluta e inequivocamente.

O nono texto em que encontramos a expressão "o dia do Senhor", é o último a ser encontrado nos escritos apostólicos. O Apocalipse, ou Revelações capítulo 1:10, fornece isso nas seguintes palavras de São João: "Eu estava no Espírito no dia do Senhor;" mas não proporcionará mais conforto aos nossos amigos bíblicos do que seus predecessores da mesma série. São João já usou a expressão anteriormente em seu Evangelho ou epístolas? - Enfaticamente, Não. Ele teve ocasião de se referir ao domingo até agora? - Sim, duas vezes. Como ele designou o domingo nessas ocasiões? O Domingo de Páscoa foi chamado por ele (João 20: 1) "O primeiro dia da semana."

Novamente, capítulo vinte, versículo dezenove: "Agora, quando já era tarde naquele mesmo dia, sendo o primeiro dia da semana." Evidentemente, embora inspirado, tanto em seu evangelho quanto nas epístolas, ele chamou o domingo de "o primeiro dia da semana". Com base no que, então, pode-se presumir que ele abandonou essa designação? Ele estava mais inspirado quando escreveu o apocalipse ou adotou um novo título para o domingo porque agora estava na moda?

Uma resposta a essas perguntas seria desnecessária, especialmente para este último, visto que a mesma expressão já havia sido usada oito vezes por São Lucas, São Paulo e São Pedro, todos sob inspiração divina e certamente o Espírito Santo não iria inspirar São João para chamar o domingo de dia do Senhor enquanto Ele inspirou São Lucas, Paulo e Pedro, coletivamente, para intitular o dia do julgamento "o dia do Senhor." Os

dialéticos contam entre os motivos infalíveis de certeza, o motivo moral de analogia ou indução, pelo qual somos capazes de concluir, com certeza, do conhecido para o desconhecido, estando absolutamente certos do significado da expressão proferida oito vezes, concluímos que a mesma expressão só pode ter o mesmo significado quando pronunciada pela nona vez, especialmente quando sabemos que nas nove ocasiões as expressões foram inspiradas pelo Espírito Santo.

Nem são os fundamentos intrínsecos mais fortes querendo provar que este, como seus textos irmãos, contém o mesmo significado, São João (Apocalipse 1:10) diz: "Eu estava no Espírito no dia do Senhor;" mas ele nos fornece a chave para esta expressão, capítulo quatro, primeiro e segundo versículos; "Depois disso, olhei e eis que uma porta foi aberta no céu." Uma voz disse a ele; "Suba aqui, e eu lhe mostrarei as coisas que devem acontecer no futuro". Vamos subir em espírito com João. Para onde? - por aquela "porta no céu", para o céu. E o que veremos? - "As coisas que devem acontecer no futuro", capítulo quatro, primeiro versículo. Ele ascendeu em espírito ao céu. Ele foi ordenado a escrever, por completo, sua visão do que deve acontecer antes e concomitantemente com "o dia do Senhor", ou o dia do julgamento; a expressão "dia do Senhor" sendo confinada nas Escrituras ao dia do julgamento, exclusivamente.

Coletamos cuidadosa e precisamente do Novo Testamento todas as provas disponíveis que poderiam ser aduzidas em favor de uma lei cancelando o dia Sábado da antiga lei, ou substituindo a dispensação cristã por outro dia. Tivemos o cuidado de fazer a distinção acima, para que não se pudesse alegar que o terceiro (*na enumeração católica o mandamento do Sábado é o terceiro dos mandamentos*) foi revogado sob a nova lei. Qualquer apelo desse tipo foi rejeitado pela ação dos bispos episcopais metodistas em sua pastoral de 1874, e citado pelo "New York Herald" (Arauto de Nova Iorque) da mesma data, da seguinte definição; "O Sábado instituído no início e confirmado repetidamente por Moisés e os profetas, nunca foi revogado. Uma parte da lei moral, nenhuma parte ou um til de sua santidade foi retirado." O pronunciamento oficial acima comprometeu aquele grande corpo de cristãos bíblicos com a permanência do terceiro mandamento sob a nova lei.

Mais uma vez, pedimos permissão para chamar a atenção especial de nossos leitores para o vigésimo de "trinta e nove artigos de religião" do Livro de Oração Comum: "não é legal para a igreja ordenar qualquer coisa que é contrária à palavra escrita de Deus"

CONCLUSÃO

Nesta série de artigos, nos esforçamos muito para instruir nossos leitores a prepará-los, apresentando uma série de fatos inegáveis encontrados na Palavra de Deus, para chegar a uma conclusão absolutamente irrefutável. Quando o sistema bíblico apareceu no século XVI, não apenas se apoderou das posses temporais da Igreja, mas em sua cruzada vandálica despojou o Cristianismo, tanto quanto pôde, de todos os sacramentos instituídos por seu Fundador, do santo sacrifício, etc., etc., retendo nada além da Bíblia, que seus expoentes declararam seu único guia na doutrina e moral cristãs.

O principal entre seus artigos de fé era, e é hoje, a necessidade permanente de santificar o Sábado. Na verdade, tem sido nos últimos 300 anos o único artigo da fé cristã em que houve um consenso plenário de representantes bíblicos. A guarda do Sábado constitui a soma e a substância da teoria bíblica. Os púlpitos ressoam semanalmente com incessantes tiradas contra a maneira frouxa de guardar o dia de descanso nos países católicos, em contraste com o modo cristão adequado e auto-satisfeito de guardar o dia nos países bíblicos. Quem pode esquecer a indignação virtuosa manifestada pelos pregadores bíblicos em toda a extensão de nosso país, de todos os púlpitos protestantes, enquanto a questão da abertura da Feira Mundial no domingo ainda estava indecisa; e quem não sabe hoje, que uma seita, para marcar sua sagrada indignação com a decisão, nunca abriu as caixas que continham seus artigos na Feira Mundial?

Esses cristãos superlativamente bons e untuosos, ao examinar sua Bíblia com cuidado, podem encontrar sua contraparte em uma certa classe de pessoas não boas nos dias do Redentor, que o perseguiram noite e dia, angustiados além da medida e escandalizados além da tolerância, porque Ele não guardou o Sábado de maneira tão direta como eles.

Eles O odiavam por usar o senso comum em referência ao dia, e Ele não encontrou nenhum epíteto que expressasse seu supremo desprezo por seu orgulho farisaico. E é muito provável que a mente divina não tenha modificado seus pontos de vista hoje, diante do clamor flagrante de seus seguidores e simpatizantes no final deste século XIX. Mas quando acrescentamos a tudo isso o fato de que, enquanto os fariseus da antiguidade guardavam o verdadeiro dia de descanso, nossos fariseus modernos, contando com a credulidade e simplicidade de seus tolos, nunca guardaram em suas vidas o verdadeiro sábado que seu divino Mestre guardou até o dia de sua morte e que seus apóstolos mantiveram, após seu exemplo, por trinta anos depois de acordo com o Registro Sagrado, a contradição mais flagrante envolvendo uma rejeição sacrílega deliberada de um preceito mais positivo é apresentada a nós hoje na ação do mundo cristão bíblico. A Bíblia e o dia de descanso constituem a palavra de ordem do protestantismo: mas temos demonstrado que é a Bíblia contra o seu dia de descanso. Mostramos que nenhuma contradição maior jamais existiu do que sua teoria e prática. Provamos que nem seus ancestrais bíblicos nem eles próprios guardaram um dia de descanso em suas vidas.

Os Israelitas e os Adventistas do sétimo dia são testemunhas de sua profanação semanal do dia nomeado por Deus tão repetidamente, e embora tenham ignorado e condenado seu guia, a Bíblia, eles adotaram um dia mantido pela Igreja Católica. Que protestante pode, depois de ler esses artigos, com a consciência limpa, continuar a desobedecer ao mandamento de Deus que ordena que o sábado seja guardado, o qual manda seu guia, a Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, registrar como a vontade de Deus?

A história do mundo não pode apresentar um exemplo de abandono de princípios mais estúpido e autobstruidor do que este. O Mestre exige enfaticamente em cada página da Bíblia que a lei do Sábado seja observada todas as semanas, por todos, reconhecendo-o como "o único mestre infalível", enquanto os discípulos desse Mestre

não observaram o preceito divino nenhuma vez por mais de trezentos anos! Aquela imensa assembleia de cristãos bíblicos, os Metodistas, declarou que o Sábado nunca foi revogado, enquanto os seguidores da Igreja da Inglaterra, junto com sua filha, a Igreja Episcopal dos Estados Unidos, estão comprometidos com o vigésimo artigo de religião, já citada, à ordenação de que a Igreja não pode legalmente ordenar nada "contrário à palavra escrita de Deus". A palavra escrita de Deus ordena que sua adoração seja observada no sábado de forma absoluta, repetida e mais enfaticamente, com uma ameaça muito positiva de morte para aquele que desobedece. Todas as seitas bíblicas ocupam a mesma posição autoestultificante que nenhuma explicação pode modificar, muito menos justificar.

Quão verdadeiramente as palavras do Espírito Santo se aplicam a esta situação deplorável! "Iniquitas mentita est sibi" - "A iniquidade mentiu para si mesma." Propondo seguir a Bíblia apenas como único guia, mas perante o mundo, o único guia é ignominiosamente posto de lado, e o ensino e a prática da Igreja Católica - "a mãe das abominações", quando convém ao seu propósito designá-la - adotado, apesar das ameaças mais terríveis pronunciadas pelo próprio Deus contra aqueles que desobedecem à ordem: "Lembre-se de santificar o dia de Sábado."

Antes de encerrar esta série de artigos, pedimos mais uma vez chamar a atenção de nossos leitores para a nossa legenda, introdutória a cada um; quer dizer, 1. O dia de descanso cristão, produto genuíno da união do Espírito Santo com a Igreja Católica sua esposa. 2. A reivindicação do protestantismo a qualquer parte disso provou ser infundada, contraditória e suicida.

A primeira proposição precisa de poucas provas. A Igreja Católica por mais de mil anos antes da existência de uma protestante, em virtude de sua missão divina, mudou o dia de sábado para domingo. Dizemos em virtude de sua missão divina, porque aquele que se autodenominava o "Senhor do Sábado", dotou-a de Seu próprio poder para ensinar: "Quem te ouve, me ouve"; ordenou a todos os que crêem nele que a ouvissem, sob pena de serem colocados com os "pagãos e publicanos"; e prometeu estar com ela até o fim do mundo. Ela mantém essa carta como sua guia - uma carta tão infalível quanto perpétua. O mundo protestante em seu nascimento achou o dia de descanso cristão fortemente entrincheirado para ir contra sua existência; foi, portanto, colocado sob a necessidade de concordar com o acordo, implicando assim o direito da Igreja de mudar o dia, por mais de trezentos anos. O dia de descanso cristão é, portanto, até hoje, a descendência reconhecida da Igreja Católica como esposa do Espírito Santo, sem uma palavra de protesto do mundo protestante.

Vamos agora, entretanto, dar uma olhada em nossa segunda proposição, com a Bíblia sozinha como o guia mais enfaticamente proíbe qualquer mudança no dia por razões primordiais. A ordem exige uma "aliança perpétua". O dia ordenado para ser guardado pelo Mestre nunca foi guardado. Desenvolveu-se assim uma apostasia de um princípio supostamente fixo, tão contraditório, estultificante e, conseqüentemente, tão suicida quanto está ao alcance da linguagem a expressar.

Os limites da desmoralização ainda não foram alcançados. Longe disso. Sua pretensão de deixar o seio se a Igreja Católica fosse por apostasia da verdade como ensinada na palavra escrita. Eles adotaram a palavra escrita como seu único guia, o que mal fizeram e a abandonaram prontamente, como esses artigos abundantemente provaram; e por uma perversidade tão intencional quanto errônea, eles aceitam o ensino da Igreja Católica em oposição direta ao ensino claro, invariável e constante de seu único mestre na doutrina mais essencial de sua religião, enfatizando assim a situação no que pode ser apropriadamente designado "uma zombaria, uma ilusão e uma armadilha".

[Nota do editor - Foi exatamente neste ponto que a Reforma foi condenada pelo Concílio de Trento. Os Reformadores acusaram constantemente, pois aqui afirmam que a Igreja Católica apostatou da verdade contida na palavra escrita. "A palavra escrita", "A Bíblia e somente a Bíblia", "Assim diz o Senhor", essas eram suas palavras de ordem constantes; e "A Escritura como na palavra escrita o único padrão de apelação." Esta foi a plataforma proclamada da Reforma e do Protestantismo. "A Escritura e a tradição." "A Bíblia como interpretada pela Igreja e de acordo com o consentimento unânime dos padres." Esta era a posição e reivindicação da Igreja Católica. Esta foi a questão principal no Concílio de Trento, que foi chamado especialmente a considerar as questões que foram levantadas e forçadas à atenção da Europa pelos Reformadores. A primeira questão concernente à fé que foi considerada pelo conselho foi a questão envolvida nesta questão. Havia um partido forte até mesmo dos católicos dentro do conselho que eram a favor de abandonar a tradição e adotar apenas as Escrituras, como padrão de autoridade. Essa opinião foi sustentada de forma tão decidida nos debates do concílio que os legados do papa na verdade escreveram a ele que havia "uma forte tendência de deixar de lado a tradição e fazer das Escrituras o único padrão de apelação". Mas fazer isso seria manifestamente percorrer um longo caminho para justificar a afirmação dos protestantes. Com essa crise, desenvolveu-se na porção ultracatólica do concílio a tarefa de convencer os outros de que "Escritura e tradição" eram a única base segura para se apoiar. Se isso pudesse ser feito, o conselho poderia ser levado a emitir um decreto condenando a Reforma, caso contrário, não. A questão foi debatida dia após dia, até que o conselho foi completamente paralisado. Finalmente, depois de uma longa e intensa tensão mental, o arcebispo de Reggio entrou no conselho com substancialmente o seguinte argumento para o partido que defendia apenas as escrituras:

"Os protestantes afirmam se basear apenas na palavra escrita. Eles professam ter apenas as Escrituras como padrão de fé. Eles justificam sua revolta com o apelo de que a Igreja apostatou da palavra escrita e segue a tradição. Agora, a afirmação do protestante, que eles se apoiam somente na palavra escrita não é verdade. Sua profissão de manter as Escrituras apenas como o padrão de fé, é falsa. PROVA: A palavra escrita explicitamente ordena a observância do sétimo dia como o sábado. Eles não observam o sétimo dia, mas o rejeitam. Se eles realmente mantiverem as Escrituras apenas como seu padrão, eles estariam observando o sétimo dia como é recomendado na Escritura em toda a sua extensão. No entanto, eles não apenas rejeitam a observância do Sábado prescrita na palavra escrita, mas eles adotaram e praticam a observância do domingo, para o qual eles têm apenas a tradição da Igreja.

Conseqüentemente, a reivindicação de "somente a Escritura como padrão". falha; e a doutrina da "Escritura e tradição" como essenciais, está totalmente estabelecida, sendo os próprios protestantes os juízes ".

Não havia como contornar isso, pois a própria declaração de fé dos protestantes - a Confissão de Augsburg de 1530 - havia claramente admitido que "a observação do dia do Senhor" havia sido designada apenas pela "Igreja".

O argumento foi saudado no conselho apenas como uma inspiração; o partido para "somente as Escrituras", se rendeu; e o concílio ao mesmo tempo condenou unanimemente o Protestantismo e toda a Reforma como apenas uma revolta injustificada da comunhão e autoridade da Igreja Católica; e procedeu, em 8 de abril de 1546 "à promulgação de dois decretos, o primeiro dos quais decreta, sob anátema, que a Escritura e a tradição devem ser recebidas e veneradas igualmente, e que os livros deuterocanônicos {os apócrifos} fazem parte do canôn da Escritura. O segundo decreto declara que a Vulgata é a única versão latina autêntica e padrão, e lhe dá autoridade para substituir os testes originais; proíbe a interpretação da Escritura contrária ao sentido recebido pela Igreja ", ou mesmo contrário ao consentimento unânime dos Padres ", etc.

Assim, foi a inconsistência da prática protestante com a profissão protestante que deu à Igreja Católica seu tão procurado e ansiosamente desejado terreno sobre o qual condenar o protestantismo e todo o movimento da Reforma como apenas uma rebelião egoistamente ambiciosa contra a autoridade da Igreja. E nesta controvérsia vital a chave, a expressão principal e culminante, da inconsistência protestante estava na rejeição do dia Sábado do Senhor, o sétimo dia, prescrito nas Escrituras e a adoção e observância do domingo como prescrito pela Igreja Católica.

E esta é hoje a posição das respectivas partes nesta controvérsia. Hoje, como este documento mostra, esta é a questão vital sobre a qual a Igreja Católica acusa o protestantismo, e sobre a qual ela condena o curso do protestantismo popular como sendo "indefensável, contraditório e suicida". O que farão esses protestantes, o que fará o protestantismo?]

Se algum dos reverendos padres paroquiais, acostumados a uivar tão veementemente a cada profanação real ou alegada daquela fraude piedosa, o Sábado bíblico, pensar bem em protestar contra nossa dissecação lógica e bíblica de seu animal de estimação perdido, podemos prometer dizer-lhe que qualquer tentativa razoável de sua parte para coletar a membrana descartada do híbrido e restaurá-la à existência galvanizada será recebido com genuína cordialidade e consideração respeitosa de nossa parte.

Mas podemos garantir aos nossos leitores que conhecemos esses reverendos bugios muito bem para esperar um latido solitário deles neste caso. E eles nos conhecem muito bem para se submeter à mortificação que uma nova dissecação dessa questão antibíblica necessariamente acarretaria. Sua política agora é "manter a discrição" e eles certamente a adotarão.

APÊNDICE I

Esses artigos são reimpressos, e este folheto é enviado pelos editores, porque fornece de uma fonte inegável e em tom inequívoco, a última fase da controvérsia da observância do domingo, que é agora, e que de fato já há algum tempo, não só uma questão nacional, com nações líderes, mas também uma questão internacional. Não que estejamos contentes por isso; gostaríamos que fosse muito diferente. Gostaríamos que os protestantes em todos os lugares fossem tão consistentes na profissão e na prática que não houvesse espaço para as relações entre eles e Roma jamais tomarem a forma que nunca tomaram.

Mas a situação neste assunto é agora como aqui estabelecida. Não há como escapar desse fato. Portanto, torna-se dever da Associação Internacional de Liberdade Religiosa tornar conhecida tão amplamente quanto possível a verdadeira fase desta grande questão como ela se encontra agora. Não porque tenhamos prazer em tê-lo assim, mas porque é assim, tudo o que nós ou qualquer outra pessoa gostaríamos ou não de ter.

É verdade que há anos procuramos que esta questão assuma precisamente a atitude que agora assume e que tão claramente se expõe neste folheto. Dissemos ao povo repetidamente, especialmente aos protestantes, e ainda mais especialmente àqueles que defendiam as leis dominicais e o reconhecimento e o estabelecimento legal do domingo pelos Estados Unidos, que no curso que estava sendo perseguido eles estavam jogando diretamente para as mãos de Roma, e que tão certamente quanto tivessem sucesso, eles seriam inevitavelmente chamados por Roma e Roma na posse do poder também, para prestar contas a ela sobre por que o domingo deveria ser guardado. Isso, temos dito ao povo há anos, certamente acontecerá. E agora que chegou, é apenas nosso dever torná-lo conhecido tão amplamente quanto está ao nosso alcance.

Pode-se perguntar: Por que Roma não saiu tão ousadamente como antes? Por que ela esperou tanto? Não era do seu interesse fazê-lo antes. Quando ela deveria se mover, ela desejava se mover com poder, e poder ainda não tinha. Mas em seus esforços extenuantes para o reconhecimento governamental nacional e estabelecimento do domingo, os protestantes dos Estados Unidos estavam fazendo mais por ela do que ela poderia fazer por si mesma para obter o poder governamental em suas mãos. Isso ela sabia muito bem e, portanto, apenas esperou. E agora que os protestantes, em aliança com ela, realizaram esta coisa terrível, ela imediatamente se levanta em toda sua arrogância nativa e espírito dos velhos tempos, e pede aos protestantes que respondam a ela por sua observância do domingo. Ela também faz isso porque está segura do poder que os protestantes tão cegamente colocaram em suas mãos. Em outras palavras, o poder que os protestantes colocaram em suas mãos, ela agora usará para destruí-los. É necessária alguma outra evidência para mostrar que o Catholic Mirror (o que significa o Cardeal e a Igreja Católica na América) estava esperando por isso, além da fornecida na página 21 deste folheto? Por favor, vire e olhe para essa página e veja a citação recortada do "New York Herald" em 1874, e que agora é

apresentada dessa forma. Isso não mostra claramente aquela declaração dos bispos metodistas, exatamente em um momento como este? E mais do que isso, os protestantes encontrarão mais coisas assim que foram guardadas e que ainda serão usadas de uma forma que os surpreenderá e confundirá.

No momento, esta é uma controvérsia entre a Igreja Católica e os protestantes. Só assim reproduzimos esses artigos do "Catholic Mirror". Os pontos controvertidos são pontos reivindicados pelos protestantes como a seu favor. O argumento é feito pela Igreja Católica; a resposta recai sobre os protestantes que observam o domingo, não sobre nós. Podemos realmente dizer: "Isto não é da nossa conta."

Se eles não responderem, ela fará do silêncio deles a confissão correta e usará isso contra eles de acordo. Se eles responderem, ela usará contra eles suas próprias palavras e, conforme a ocasião exigir, o poder que colocaram em suas mãos. De modo que, para ela, se os protestantes respondem ou não, é tudo a mesma coisa. E como ela olha para eles, e o espírito com que ela se propõe a lidar com eles de agora em diante, é claramente manifestado no desafio feito no último parágrafo dos artigos de reimpressão.

Resta apenas um refúgio para os protestantes. Isto é, tomar uma posição firme e completa sobre "somente a palavra escrita", "a Bíblia e somente a Bíblia" e, portanto, sobre o Sábado do Senhor. Assim, não reconhecendo nenhuma autoridade a não ser a de Deus, sem suspirar a não ser o Seu (Ezequiel 20: 12, 20), obedecendo ao Seu comando e protegidos pelo Seu poder, eles terão a vitória sobre Roma e todas as suas alianças, e estarão no mar de vidro, levando as harpas de Deus, com as quais seu triunfo será celebrado para sempre. (Apocalipse 18 e 15: 2-4).

Ainda não é tarde para os protestantes se redimirem. Eles farão isso? Eles permanecerão consistentemente na profissão protestante? Ou eles ainda continuarão a ocupar a "posição indefensável, autocontraditória e suicida de professar ser protestante, embora permanecendo em terreno católico, recebendo insultos católicos e suportando a condenação católica? Eles realmente aceitarão apenas a palavra escrita, as Escrituras sozinhas, como sua única autoridade e seu único padrão? Ou eles ainda manterão a doutrina e prática "indefensável, autocontraditória e suicida" de seguir a autoridade da Igreja Católica e de usar o sinal de sua autoridade? Eles manterão o Sábado do Senhor, o sétimo dia, de acordo com as Escrituras? ou guardarão o domingo de acordo com a tradição da Igreja Católica?

Caro leitor, o que você fará?

Apêndice II

Como a primeira edição desta publicação foi impressa, o seguinte apareceu em um artigo no "Catholic Mirror" em 23 de dezembro de 1893:

"A avidez com que esses artigos têm sido buscados e o surgimento de uma reimpressão deles pela Associação Internacional de Liberdade Religiosa, publicado em Chicago, intitulado 'Desafio de Roma: Por que os protestantes guardam o domingo?' e colocados à venda em Chicago, Nova York, Califórnia, Tennessee, Londres, Austrália, Cidade do Cabo, África e Ontário, Canadá, juntamente com a demanda contínua, fizeram com que o "Mirror" lhes desse forma permanente, e assim cumprisse com a demanda.

"As páginas desta brochura revelam ao leitor uma das contradições mais flagrantemente concebíveis que existem entre a prática e a teoria do mundo protestante, e insusceptível de qualquer solução racional, a teoria que reivindica apenas a Bíblia como guia, o que inequívoca e positivamente ordena que o sábado seja mantido "sagrado", enquanto sua prática prova que eles ignoram totalmente as exigências inequívocas de seu guia, a Bíblia, e ocupando terreno católico por três séculos e meio, pelo abandono de sua teoria, eles estão diante do mundo hoje os representantes de um sistema o mais indefensável, contraditório e suicida que se possa imaginar.

"Sentimos que não podemos interessar mais aos nossos leitores do que produzir o 'Apêndice' que a Associação Internacional de Liberdade Religiosa, uma organização ultraprotestante, adicionou à reimpressão de nossos artigos. A leitura do Apêndice confirmará o fato de que o nosso argumento é irrespondível, e que se aposentar do território católico onde eles estão ocupados por três séculos e meio, e aceitar seu próprio guia, a Bíblia, de boa fé, como tão claramente é sugerido pelo escritor do 'Apêndice', comece imediatamente a guardar o sábado, o dia ordenado pela Bíblia de Gênesis a Apocalipse; ou, abandonando a Bíblia como seu único guia, deixem de ser invasores e uma contradição viva de seus próprios princípios, e tirando cartas de adoção como cidadãos do reino de Cristo na terra - Sua Igreja - não sejam mais vítimas da auto-ilusão e autocontradição necessária.

"Os argumentos contidos neste panfleto estão firmemente fundamentados na palavra de Deus e, tendo sido estudados de perto com a Bíblia em mãos, não deixam escapatória para o protestante consciencioso, exceto o abandono do culto dominical e o retorno ao sábado, comandado por seu guia, a Bíblia, ou, não querendo abandonar a tradição da Igreja Católica, que ordena a guarda do domingo, e que eles aceitaram em oposição direta à seu guia, a Bíblia, a aceitam consistentemente em todos os seus ensinamentos. Razão e bom senso exigem a aceitação de uma ou outra dessas alternativas: o protestantismo e a santificação do sábado, ou a catolicidade e a guarda do domingo. O compromisso é impossível.